

Dívida externa

CONTAS EXTERNAS EM ABERTO

O baixo desempenho das exportações e o déficit público abalarão a capacidade de o País honrar seus compromissos em 97

Ricardo Leopoldo
Da equipe do Correio

São Paulo — Em 1997, o Brasil precisará captar aproximadamente US\$ 32 bilhões para pagar juros e amortizações da dívida externa de empréstimos obtidos pelo governo e por empresas privadas. É uma quantia 28% superior aos US\$ 25 bilhões que deverão ser quitados neste ano.

Esse problema ainda não abriu nenhuma crise nas contas federais, contudo, a soma do déficit público (despesas maiores que a arrecadação) com os baixos resultados das exportações indicam que o País terá dificuldades em honrar seus compromissos externos.

“O programa econômico vem se tornando potencialmente mais vulnerável a ataques especulati-

vos”, comenta Paulo Nogueira Batista Jr., professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP) e negociador da dívida externa em 1987.

O deputado Delfim Netto (PPB-SP), um dos principais críticos da política econômica do governo, afirma que na ausência do crescimento firme das exportações o Brasil não se desenvolve sem aumentar o déficit nas contas correntes, um passivo assumido junto a credores internacionais.

As contas correntes são a soma de três cálculos: importações menos as vendas externas de produtos, a balança comercial. O valor é adicionado às despesas com juros, *royalties* pagos a multinacionais menos a transferência de dinheiro de pessoas que vivem no estrangeiro. Isso ocorre com os *dekasseguis*, brasileiros residentes no Japão e

enviam perto de US\$ 3 bilhões por ano aos parentes em estados como São Paulo e Minas Gerais.

DÉFICIT

“O déficit público do governo está sendo pago pela poupança externa, cujo custo é de 13% em dólares por ano. A taxa de retorno, porém, é zero. Em qualquer companhia, o empresário é internado pela família num hospício se faz isso. Mas tal ato é considerado como uma grande modernidade”, ironiza Delfim.

Segundo o deputado e outros economistas, como Paulo Nogueira Batista Jr., é muito difícil para o país reequilibrar as contas correntes sem melhorar as exportações. Ambos vêm na política cambial e na redução de tarifas de importações os principais fatores para coroar a balança comercial.

O governo reconhece que este buraco chegará a US\$ 5 bilhões neste ano. Para 1997, Gustavo Franco, diretor da área internacional do Banco Central, já admite em público que o rombo será maior. É por isso que o presidente Fernando

Henrique Cardoso já fala que exportar é fundamental para o futuro da Nação.

“A equipe econômica está voltando ao discurso anterior à crise do México em 1994. Querem passar à população que conviver com déficits em contas correntes não é tão ruim. O governo não fará nada para diminuir este problema por mais quatro ou cinco meses por questões políticas: deseja aprovar primeiro a emenda da reeleição no Congresso”, comenta Paulo Nogueira Batista Jr.

O ministro do Planejamento, Antônio Kandir, explicou a empresários norte-americanos recentemente, em São Paulo, que as dificuldades com as contas internacionais do Brasil “preocupam”, mas não são problemas graves.

Pelo raciocínio de Kandir, os recursos que o Brasil vem captando em investimentos diretos — US\$ 8 bilhões em 1996 — mais dinheiro vindo das privatizações e alongamento das dívidas de curto prazo dão um cenário estável ao país até o ano 2000.

“Nestas circunstâncias, financiamos o déficit em transações correntes por mais três, até quatro anos se for preciso”, disse.

Batista Jr. mostra, no entanto, que os resultados financeiros do governo vem se deteriorando. Comparando o déficit de contas correntes com o volume de exportações, em 1992 o valor chegava a 4% sobre o volume de vendas ao exterior. Neste ano, a diferença subirá 11 vezes, ficando perto de 45%.

COMPARAÇÃO

“Quando o México entrou em crise esse coeficiente era de 80%”, alertou. “Além disso aumentou muito no Plano Real a relação da dívida mobiliária do governo com as reservas internacionais. Era de 153% e passou para 280%”. Isso significa que enquanto o Executivo tem guardado um dólar numa espécie de caderneta de poupança ele deve no mercado de títulos públicos US\$ 3,80.

Aluizio Araújo, professor da FGV-RJ, não acredita que os credores estrangeiros estão perdendo a

confiança no Brasil. Ele reconhece que o déficit público próximo de 4% do Produto Interno Bruto (soma das riquezas elaboradas em um ano) dá dores de cabeça para quem empresta dinheiro.

“Temos US\$ 58 bilhões de reservas. Isso permite eventuais correções de rota com calma”, comenta.

Para Luiz Gonzaga Belluzzo, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), estes recursos — boa parte obtida por financiamentos externos atraídos por juros nominais de 25% ao ano — não trazem tamanha tranquilidade.

“O governo vem gastando muito, as exportações são medíocres. Isso limita o desenvolvimento do país, que não chega perto dos 8% do PIB de países asiáticos. Com a globalização é incorreto dizer que os capitais não fugirão porque são aplicados a médio prazo. Dinheiro é liquidez. Vai embora *on line*. Foi assim que em 1992 a França perdeu US\$ 50 bilhões em três dias. Ataques como esses provocaram na época uma desvalorização da lira italiana em 60%”.